



● GENERAL FRANÇA "NDALU"

Papel das FAPLA foi decisivo na derrota do exército sul-africano e na libertação da Namíbia

Antigo chefe do Estado-Maior das FAPLA sublinhou a importância de preservar a memória da luta armada junto das novas gerações



Poliiana dos Santos

O GENERAL e antigo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), António dos Santos França "Ndlu", afirmou que a resistência militar angolana foi determinante para a consolidação da independência nacional, a libertação da Namíbia e o enfraquecimento do regime do apartheid.

Falando, ontem, durante a Conferência Internacional sobre "O Papel dos Países da Linha da Frente na Libertação Total da África Austral", promovida pelo Ministério das Telecomunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social, em parceria com a Edições Novembro, o general de exército recordou os momentos decisivos da Batalha do Cuito Cuanavale, travada entre finais de 1987 e inícios de 1988, e considerou fundamental que as gerações mais jovens compreendam os sacrifícios consentidos para alcançar a soberania do país.

"O que hoje somos enquanto nação livre e unida resultou da entrega de milhares de combatentes, muitos dos quais deram a vida pela pátria", ressaltou.

O general rejeitou qualquer ideia de que a histórica batalha tenha sido uma ficção e lembrou que as forças armadas sul-africanas, então consideradas das mais poderosas da região, foram derrotadas graças à preparação técnica e estratégica das FAPLA, com apoio da então União Soviética,



Coube a Helder Bárber a missão de moderar a interação entre o prelector e os conferencistas

tica, Cuba e forças da SWAPO.

"A vitória foi possível graças a um conjunto de factores, nomeadamente no domínio do terreno, posicionamento defensivo vantajoso, artilharia, engenharia e uma avaliação errada do inimigo sobre a nossa capacidade de resposta", explicou.

França "Ndlu" revelou, ainda, que Angola estava pronta para avançar militarmente com as forças da SWAPO para a Namíbia, caso a África do Sul mantivesse a intenção de impedir a independência do território.

"Foi quando perceberam que seriam derrotados que os sul-africanos propuseram tréguas e iniciaram negociações que resultaram na aplicação das resoluções 435 e 439 das Nações Unidas", referiu.

O general destacou, também, que a retirada das tropas sul-africanas do Sul de Angola e do Norte da Namíbia permitiu maior estabilidade nas regiões fronteiriças e facilitou a continuidade da luta diplomática, com negociações quadripartidas em várias capitais mundiais.

Para o antigo comandante das FAPLA, a batalha do Cuito Cuanavale permanece como um dos marcos mais importantes da história militar de África e deve ser lembrada como símbolo de coragem, determinação e solidariedade entre os povos da região austral.

DE GUERRILHA A EXÉRCITO NACIONAL

Ao dissertar sobre o "A influência das FAPLA na consolidação da Independência Nacional e na libertação da Namíbia e derrube

do apartheid", o general Ndlu destacou três momentos fundamentais da acção das FAPLA, nomeadamente a sua formação em 1974, a defesa do Estado angolano a partir da proclamação da Independência em 1975, e o seu papel activo na frente de combate contra as forças sul-africanas até 1991.

Segundo o general, a proclamação das FAPLA em 1 de Agosto de 1974 marcou o início de uma força organizada, que partiu de cerca de 15 mil guerrilheiros do antigo Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA) para mais de 95 mil efectivos nos primeiros anos da independência. A estruturação em companhias, batalhões e brigadas permitiu recuperar e defender vastas áreas do território nacional.

A articulação territorial, explicou, permitiu às FAPLA resistir aos ataques coordenados da FNLA, UNITA e das forças do exército do então Zaire e de mercenários estrangeiros, como ficou demonstrado na histórica Batalha de Kifangondo, a 10 de Novembro de 1975, na véspera da proclamação da independência.

"Foi graças à firmeza das FAPLA e ao apoio das forças cubanas e dos aliados da SWAPO que Angola não caiu nas mãos do colonialismo recidivado", afirmou.

RESISTÊNCIA NO SUL E DERROTA DA ÁFRICA DO SUL

O General Ndlu recordou também os combates intensos no Sul de Angola, nomeadamente no Ebo, Queve, Longa e Cuito Cuanavale, onde a força técnica e tática das FAPLA, apoiada por Cuba e pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), travou e derrotou as forças sul-africanas.

"As pontes foram destruídas estrategicamente, os rios transformaram-se em barreiras naturais, e a mobilização de blindados e artilharia permitiu cortar e isolar as tropas inimigas, infligindo-lhes grandes perdas", destacou.

A Batalha do Cuito Cuanavale, apontou, foi o ponto de viragem. "Foi ali que a maior máquina de guerra da África Austral foi derrotada, o que obrigou a África do Sul a aceitar a implementação da Resolução 435/78 da ONU, que garantiu a independência da Namíbia em 1990."

APOIO INTERNACIONAL E AFIRMAÇÃO IDEOLÓGICA

Na sua intervenção, o general destacou o apoio do PAIGC, da FRELIMO e de Cuba, bem como o posicionamento firme do Presidente Agostinho Neto, que defendia que "na Namíbia e na África do Sul continuava a luta de Angola contra o colonialismo, o neocolonialismo e o apartheid".

Recordou, também, o apoio norte-americano a forças rivais, a revelação da presença de tropas sul-africanas em Angola e a subsequente aprovação da Emenda Clark pelo Senado dos Estados Unidos, que cortou o financiamento aos grupos rebeldes, decisão que deixou a África do Sul isolada politicamente e militarmente.